
GÓMEZ-DÍAZ, Raquel, et al. 2016. *Leyendo entre pantallas*. Gijón: Ediciones Trea, 255 pp. (Coleção Biblioteconomía y Administración Cultural, 293). ISBN: 9788497049450

Helder Mendes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/3827>

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2017

Paginação: 429-434

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Helder Mendes, « GÓMEZ-DÍAZ, Raquel, et al. 2016. *Leyendo entre pantallas*. Gijón: Ediciones Trea, 255 pp. (Coleção Biblioteconomía y Administración Cultural, 293). ISBN: 9788497049450 », *Cultura* [Online], vol. 36 | 2017, posto online no dia 19 dezembro 2019, consultado a 07 janeiro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/3827>

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 janeiro 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

GÓMEZ-DÍAZ, Raquel, et al. 2016.
Leyendo entre pantallas. Gijón:
Ediciones Trea, 255 pp. (Coleção
Biblioteconomía y Administración
Cultural, 293). ISBN: 9788497049450

Helder Mendes

REFERÊNCIA

Raquel Gómez-Díaz et al., *Leyendo entre pantallas*, Gijón, Ediciones Trea, 2016, 255 pp.

- 1 *Leyendo entre pantallas* é uma espécie de livro-guia destinado a ajudar os leitores/ utilizadores assoberbados pela complexidade que define a leitura em contexto digital. Subjacente à sua criação está a ideia de as novas tecnologias possuírem, face ao livro tradicional, um problema de *mediação*: são necessários mais passos para um leitor alcançar aquilo que, em última análise, pretende – o *texto*. No ambiente digital, a proliferação de dispositivos, sistemas operativos, aplicações ou formatos de ficheiro implica que um utilizador, para aceder à informação e a poder transformar em conhecimento, esteja em condições de encontrar e seleccionar aquilo que mais se lhe adequa. Para tal carece de orientações, sendo essa então a missão da presente obra, assinada por quatro investigadores do grupo E-LECTRA da Universidad de Salamanca, dedicado ao estudo e à análise da edição e da leitura electrónicas.
- 2 Fenómenos inicialmente com pouca expressão, ainda que em ocasiões fossem anunciados como o futuro do livro, os textos digitais sofreram um considerável crescimento na última década, quer na produção quer no consumo, particularmente no mundo anglo-saxónico. Aliás, com a implantação dos dispositivos móveis (tablets, e-readers, telemóveis), aparelhos regidos pelo chamado “princípio da aceleração”

(rapidez tanto na inovação e produção tecnológicas como nos modelos de distribuição e recepção), os autores de *Leyendo entre pantallas* consideram estarmos diante de um novo ecossistema da leitura, o qual vem alterar a cadeia de valor instalada desde a implantação da imprensa de caracteres móveis: a cadeia formada por elementos/agentes como autor, impressor, editor, distribuidor, livreiro, biblioteca, leitor, e mesmo outros como o agente literário ou o crítico profissional.

- 3 Ora, a mudança, não poucas vezes, traduz-se na obliteração de alguns desses agentes, o que conduz a assinalar o contraste, no ambiente digital, entre a *intermediação* provocada pela tecnologia e a *desintermediação* causada pela ausência de agentes ou de funções que habitualmente associamos ao contexto tradicional. Estes dois fenómenos estão relacionados e, em conjunto, ajudam mais a explicar a desorientação dos utilizadores do que apenas as razões tecnológicas invocadas por Raquel Gómez-Díaz, Araceli García Rodríguez, José-Antonio Cordón-Carcía e Julio Alonso-Arévalo: se a proliferação de dispositivos e de software é suficiente para assoberbar os leigos, a inexistência de mediadores traduzir-se-á num continuar de indefinição e de desconhecimento.
- 4 Nem sempre, refira-se, quando se comparam os dois ambientes – digital e tradicional –, é habitual analisar o sistema mais amplo de que fazem parte. Normalmente, os discursos limitam-se a apontar vantagens e desvantagens. Em muitos casos, o elencar de ambas não é mais do que um exercício de parcialidade, pois aqueles que preferem o impresso serão pródigos em avançar motivos para a defesa dos livros, desde a estética à funcionalidade, enquanto aqueles seduzidos pelo digital farão o mesmo pelos ebooks, ficando o comum leitor entre apocalípticos e integrados. Recentemente, uma das supostas vantagens do digital apontadas por especialistas, e seguida em *Leyendo entre pantallas*, é a sua potencialidade para a leitura social, ou seja, a transformação do livro num território documental susceptível de permitir relações sociais complexas entre leitores. Aponta-se que “a leitura deixa de ser um acto solitário para se erigir em lugar de encontro e colaboração. O livro como objecto torna-se o livro como rede (...)” (p. 15), rede essa que fará circular a informação e colocará em relação dialéctica autores, editores e leitores.
- 5 Porém, por muito excitante que esta promessa aparente ser, a realidade é que, de momento, não passa disso mesmo, de uma promessa. Aliás, a socialização não é uma propriedade do novo ambiente: o livro impresso tem sido, ao longo da sua história, das maiores ferramentas de socialização entre os seres humanos (recorde-se, apenas, os textos sagrados que constituem o cerne das celebrações religiosas). Quanto aos livros digitais, ainda está por perceber qual a *intensidade* de socialização permitida. Se é verdade que a integração destes produtos com as redes sociais *online* gera um contexto onde leitores, em várias partes do globo, podem comentar, partilhar e dialogar tendo como ponto de partida os textos, não é menos verdade que são comportamentos ainda incipientes que nem sequer se estendem à maioria dos leitores de obras digitais. Daí a tónica colocada na socialização esquecer que a leitura social digital é, por enquanto, mais potencial do que actual, devido a não se ter tornado ainda um aspecto consolidado da leitura neste ambiente.
- 6 Tal não significa a ausência de benefícios concretos do ambiente digital. A rapidez de circulação da informação e a mobilidade são factos consumados, restando saber como poderá a indústria editorial tirar partido de tais predicados. Poder-se-á mesmo falar de uma “leitura móvel” (p. 17), como assinalam os autores deste livro, ao verificarem o crescimento dos hábitos de consumo de leitura em smartphones e tablets? Uma vez

mais, talvez seja ainda demasiado cedo para se chegar a uma conclusão; contudo não restam dúvidas de que estão a ser dados passos interessantes: os casos citados de ofertas de ebooks aos passageiros pela Société nationale des chemins de fer français, com destaque para conteúdos regionais, e o acordo entre a Lufthansa e a Sobooks para disponibilização de livros digitais durante os voos da companhia aérea alemã são exemplos, entre outros, de iniciativas para fazer chegar os conteúdos digitais aos leitores, onde quer que estes estejam (considerando, evidentemente, que possuem um dispositivo digital).

- 7 Propostas deste teor revelam a necessidade de adaptação das editoras, por forma a adaptarem os seus produtos às novas modalidades de leitura, levando sempre em conta que, em dispositivos como smartphones e tablets, a leitura de textos é apenas mais uma actividade a competir com outras aí realizadas. *Leyendo entre pantallas* aborda esta dificuldade, uma das mais prementes para a concreta implementação da leitura digital: a economia da atenção é um factor importantíssimo neste ambiente e “o conceito de tempo começa a ser uma variável inseparável da leitura” (p. 19), pois o público leitor tem menos tempo para ler, tornando-se deste modo mais selectivo face aos textos que encontra à sua disposição.
- 8 Conscientes, as empresas procuram elaborar estratégias capazes de contornar este obstáculo. Há pelo menos três que convém destacar: uma, a indicação do tempo médio de leitura de um texto; outra, a opção pela publicação de textos mais curtos, contendo apenas o essencial (filosofia que invade não apenas as obras literárias mas também a imprensa escrita); por fim, a integração de outros média (como áudio e vídeo) ou mesmo a inclusão de elementos de *gamificação*, um pormenor significativo no domínio digital e que é analisado com algum detalhe em *Leyendo entre pantallas*. No fundo, a gamificação traduz a aplicação, aos textos, de elementos lúdicos e/ou interactivos, com o propósito de tornar o leitor num utilizador activo e, assim, “o colar” mais àquilo que lê (p. 164).
- 9 Evidentemente, há aqui um “elefante na sala”. Esta introdução de elementos estranhos ao texto tradicional pode ter como consequência o seguinte paradoxo: ao querer forçar o leitor a prestar atenção ao texto através da colocação de elementos que o procuram complementar ou enriquecer, há o risco de distração e subsequente perda de concentração. Onde fica o texto no meio disto? Torna-se algo secundário? E, assim sendo, será que um ebook que se valha de tais estratégias ainda é verdadeiramente um livro? Ou é outra coisa? Estas serão, seguramente, algumas das reflexões mais interessantes que se podem fazer quanto ao impacto da leitura electrónica e à relação entre os dois mundos, o do impresso e o do digital. Mas, tanto quanto reflectir, importa considerar propostas que permitam resolver estas lacunas. Se a distração e a perda de concentração são riscos do meio digital, o que é possível fazer? Segundo os autores, na esteira do que Alain Giffard refere em *Rhétorique de l'attention et de la lecture*, mais do que diabolizar o meio, o fundamental é alterar a cultura que lhe está associada, uma cultura de natureza mercantilista e capitalista que deixa aos fabricantes e às empresas as rédeas da formação dos leitores. Há, então, que alterar este estado de coisas e dotar os poderes públicos das competências necessárias para fazer dos leitores digitais melhores leitores. A ausência de uma abordagem integrada e sistémica à leitura digital, que tenha em conta a economia da atenção, as tecnologias, a psicologia da leitura e a dimensão cultural, é, argumenta-se, a principal razão para as eventuais deficiências da leitura em ambiente digital, cuja solução passa por encontrar mecanismos de formação e

aprendizagem específicos para este contexto (p. 40). Para este desiderato, todavia, há que compreender bem todas as envolvências do digital e aquilo que o aproxima e distingue do impresso. Havendo novas materialidades, novas textualidades e até novos leitores, é essencial perceber até que ponto estes significam um novo tipo de leitura, uma leitura marcada pela omnipresença do ecrã, seja este um PC, um e-reader, um tablet ou um telemóvel.

- 10 Porém, assistindo-se às constantes modificações que têm lugar (a introdução de novos dispositivos e novas funcionalidades; diferentes maneiras de criar e comercializar os conteúdos; diferentes maneiras de se lhes aceder; etc.), constata-se que essa não será tarefa fácil, e aqui residirá um dos grandes desafios da leitura digital: a sua fluidez escapa à apreensão e, por maioria de razão, à definição de políticas públicas que a abarquem com consistência e eficácia.
- 11 Os quarto, quinto e sexto capítulos desta obra constituem uma tentativa de contribuição, por parte dos autores, para escapar a algumas dificuldades. Embora a obra não ensine os leitores a ler no ambiente digital, pelo menos pretende mostrar como podem ir ao encontro dos conteúdos mais adequados, incluindo livros e aplicações para o segmento infanto-juvenil.
- 12 Mas as preocupações não têm apenas os leitores como alvo: o último capítulo, “La autopublicación: de la prensa de las vanidades a una corriente principal de publicación en la era digital”, é talvez a secção que mais reflecte sobre o mercado editorial e sobre a relação entre digital e impresso. Aqui analisam-se as mudanças trazidas pelo meio digital ao mundo editorial, destacando-se a revitalização do fenómeno da autopublicação, definida como “publicação, por parte do autor da obra, de qualquer livro ou outro *medium* sem intervenção de terceira pessoa ou editor” (p. 195). O crescimento deste subsector tem sido assinalável desde meados da passada década e pode ser quantificado pelo aumento de pedidos de ISBN para ebooks autopublicados e, também, pela presença destes nos tops de livrarias como a Amazon. A consequência é a tão falada desintermediação: mantêm-se apenas dois pilares da cadeia de valor editorial, o autor e o leitor. Os restantes (editor, agente editorial, crítico literário, livreiro, distribuidor, etc.) podem ou não estar presentes.
- 13 As vantagens para os autores são evidentes. *Leyendo entre pantallas* elenca-as nas pp. 197-198, podendo-se destacar o controlo sobre o conteúdo, a rapidez na edição e, naturalmente, a maior percentagem de dividendos. Há também inconvenientes (cf. p. 199), incluindo a responsabilidade sobre os gastos de publicação, a falta de uma equipa editorial que traga um valor acrescentado devido à competência dos seus profissionais e a ausência de uma identidade ou de uma marca de prestígio capaz de fomentar a comercialização da obra.
- 14 Poder-se-ia pensar, então, que os autores são os principais interessados na autopublicação. Trata-se de um erro. Apostando, por um lado, em corrigir a falta de controlo editorial apresentada por muitos conteúdos autopublicados e, por outro lado, em diversificar a sua oferta de publicações e, assim, obter mais lucros, muitas editoras – não só as independentes como também os grandes colossos do mercado – oferecem plataformas de autopublicação, onde a percentagem para o autor é, em média, de 70% (contrastando com os habituais 10% da edição tradicional). Mesmo no nosso país tais plataformas já são uma realidade (veja-se a Escrytos), revelando um mercado mais dinâmico e heterogéneo. E esta é a conclusão traçada em *Leyendo entre pantallas*: os textos electrónicos e a edição digital questionam vários aspectos da cultura escrita

impresa, operando mudanças no mercado, nos suportes e mesmo nas práticas de leitura.

- 15 Se essas mudanças são, para já, significativas ao ponto de virarem a leitura e a edição de pernas para o ar, trata-se de outra história. Embora a edição electrónica seja uma realidade inegável e permita novas possibilidades e modelos para o livro, ainda está por perceber qual será a sua evolução e, sobretudo, como será a sua relação com os leitores. Afinal, estatísticas recentes denotam uma estagnação do consumo de textos digitais, mesmo nos mercados mais desenvolvidos como o norte-americano e o britânico. Podem apontar-se várias razões, desde o aumento da pirataria electrónica até ao desinteresse dos leitores, passando pelo declínio dos e-readers face a telemóveis e tablets, onde, como se viu, os textos combatem com outros conteúdos pela atenção do utilizador.
- 16 Sendo assim, uma apreciação crítica de *Leyendo entre pantallas* deverá observar com alguma cautela certas afirmações sobre a expansão da edição e da leitura digitais. No entanto, as reflexões produzidas pelos autores desta obra são pertinentes e revelam domínio da literatura sobre os temas em apreço. Ademais, o trabalho de análise de várias plataformas e aplicações, bem como a explicação do modo como publicar um ebook através da Kindle Direct Publishing (que ocupa as páginas 215 a 228), reforçam a sua função de guia. E mesmo que os casos abordados pertençam quase exclusivamente aos mundos anglo-saxónico ou castelhano, não oferece dúvida que, no geral, as potencialidades, virtudes, dificuldades e obstáculos dos textos digitais, quer se trate do ponto de vista do autor ou editor, quer do ponto de vista do leitor ou utilizador, são transferíveis para outras realidades, designadamente a portuguesa. E isto mesmo levando em consideração que, no nosso país, o mercado da leitura digital é, em oferta e procura, ainda pouco mais que marginal.

AUTORES

HELDER MENDES

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal. heldermendes@fcsb.unl.pt